

## **A criança: interlocutor do conhecimento mediado pelo professor**

Eucymara Guimarães do Amaral – PMV

Giovana Barbosa da Silva - PMV

Alexandre Freitas Marchiori – PMV/UFES

Email: [alexandremarchiori@hotmail.com](mailto:alexandremarchiori@hotmail.com)

### **RESUMO**

A proposta de trabalho corresponde apresentar as práticas de ensino desenvolvidas no CMEI Denizart Santos, nesse primeiro semestre de 2010, tendo a criança como protagonista na produção do conhecimento e o professor como mediador desse processo. Abordar-se-á o projeto “Tarsila do Amaral” desenvolvido pelos professores dinamizadores de Arte e Educação Física, todavia sob a perspectiva de visualizar a apropriação da produção cultural e os possíveis significados dados pelos sujeitos infantes. A perspectiva defendida neste trabalho só é possível se a criança for reconhecida como ator social, sujeito produtor de cultura, constituído e constituinte da sociedade, que possui capacidades plenas para dar sentido às suas experiências e (re)significá-las.

**Palavras chaves:** Arte, Educação Física, Educação Infantil.

### **ABSTRACT**

The proposed study meets the present teaching practices developed in CMEI Denizart Santos, in the first half of 2010, taking the child as the protagonist in the production of knowledge and the teacher as mediator in this process. It will address the project "Tarsila do Amaral" developed by teachers and facilitators of Art Physical Education, but from the perspective of viewing the appropriation of cultural production and the possible meanings given by the subjects infants. The approach advocated in this work is only possible if the child is recognized as a social actor, producer subject of culture, constituted and constitutive of society, that has full capabilities to make sense of their experiences and (re) signify them.

**Keywords:** Art, Physical Education, Early Childhood Education.

## **A criança: interlocutor do conhecimento mediado pelo professor<sup>1</sup>**

*Hannah Arendt coloca em cena uma experiência na qual os critérios que permitiam aos homens distinguir no mundo a verdade da mentira e o bem do mal, foram subvertidos. E no limite, aniquilados. E se essa questão importa é porque explicita o que ela chama de “fragilidade dos negócios humanos” – fragilidade inerente à condição humana, mas que ganhou significação política a partir do século XIX. [...] A fragilidade dos negócios humanos explicita a experiência de uma sociedade que fez sua entrada na modernidade. É uma sociedade na qual os homens são obrigados a enfrentar os problemas da convivência humana sem as garantias que, antes, a religião e a tradição podiam oferecer. [...] É por isso que, no mundo moderno, os homens terão que se confrontar com os problemas elementares da convivência humana “sem a confiança religiosa em um começo sagrado e sem a proteção de padrões de conduta tradicionais e, portanto, auto-evidentes”. [...] que os homens encontram-se sem garantias para “se orientar no mundo”. Nessa perspectiva, a perda da religião, das tradições e da autoridade do passado “é equivalente à perda do fundamento do mundo”, mundo que começou a mudar de tal maneira que “todas as coisas, a qualquer momento, podem se tornar praticamente qualquer outra coisa” (TELLES, 1999, p. 30-31).*

### **1- A intervenção e os sujeitos**

A proposta de trabalho corresponde apresentar as práticas de ensino desenvolvidas no CMEI Denizart Santos<sup>2</sup>, nesse primeiro semestre de 2010, tendo a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Seminário Práticas Pedagógicas na Educação Infantil, realizado em Vitória/ES e organizado pela Secretaria de Educação (SEME) – Prefeitura Municipal de Vitória (PMV) nos dias 11 a 13 de agosto de 2010.

<sup>2</sup> Localizado no Bairro Ilha do Príncipe, região próxima ao porto de Vitória/ES, onde os três professores estão desenvolvendo suas intervenções.

criança como protagonista na produção do conhecimento e o professor como mediador desse processo. Abordar-se-á o projeto “Tarsila do Amaral” desenvolvido pelos professores dinamizadores de Arte e Educação Física, todavia sob a perspectiva de visualizar a apropriação da produção cultural e os possíveis significados dados pelos sujeitos infantes. Isso significa dizer que a criança está sendo reconhecida como sujeito capaz de imprimir suas marcas, possuidora de potencialidades para explorar o mundo a sua volta, sempre na companhia do outro. Uma postura ética de oportunizar experiências que sejam significativas, principalmente para as crianças, onde o processo seja valorizado, seus saberes considerados, suas vozes ouvidas, sua especificidade como aporte para entender as relações humanas na Educação Infantil.

Sobre o trabalho em si, buscou-se descrever as particularidades do projeto e como a criança foi convidada, e também nos convidou, a acessar esse capital cultural, dar sentido a esse conhecimento, vivê-lo. Esse processo começou no ano de 2009 e potencializou viver novas experiências em 2010. Propiciou visualizar outras possibilidades de intervenção como a narrada neste trabalho. A forma de trabalho corresponde apresentar às crianças algumas obras de Tarsila do Amaral e explorar conteúdos específicos de Arte e Educação Física. O sentido consiste em oferecer o acesso ao conhecimento e possibilitar que a criança se aproprie e dê significado a partir das trocas de experiências, crie novos conceitos.

Interessa a constituição do ser sujeito, numa lógica de que devemos possibilitar a criança acessar todo tipo de cultura e nessa perspectiva a cultura humana, que abrande as especificidades tanto de arte quanto de educação física. E se o sujeito se constitui no outro, o professor é sujeito também e interage com suas perspectivas de ensino, com seu planejamento e objetivos ao lecionar sua disciplina ou à frente de um grupo de crianças (alunos) propiciando trocas possíveis.

A quem interessa a educação física e arte na Educação Infantil? A melhor resposta deveria ser: ao sujeito criança. Isso permitiria reconhecê-la como ator social, pois seu universo de experiências se amplia, suas capacidades são aguçadas e potencializadas pela presença do outro, quer seus pares ou os demais adultos. Essa

relação de proximidade se faz necessária. A criança deseja o adulto próximo dela, que brinque com ela, interaja nas suas especificidades.

## **2- Origem da proposta**

A temática de trabalho/intervenção surgiu a partir do PPP "Aprendendo a ser gentil com o planeta Terra". Visando estar integrado a essa proposta, sentimos a necessidade de abordarmos o meio ambiente, as diversidades, especialmente o contexto brasileiro. Então, escolhemos a artista plástica Tarsila do Amaral pela riqueza cultural e suas temáticas com a "cara do Brasil". Considerando uma dinâmica de continuidade nos conteúdos, a partir de 2009, estamos buscando ampliar o universo cultural das crianças e possibilitar que acessem outros contextos artísticos e culturais. Estamos entendendo que é possível abordar, durante os anos que a criança permanecer no CMEI, vários artistas ou conteúdos da arte e educação física possibilitando trocas de experiências, oferecendo um passeio pelo mundo do conhecimento sistematizado e, além disso, reconhecer as crianças como sujeitos praticantes do cotidiano da Educação Infantil.

Nessa perspectiva, podemos dizer que há a produção de um ambiente de aprendizagem e a intenção de possibilitar a troca de experiências entre os sujeitos. Sendo assim, as crianças têm a participação a partir dessa provocação e, dessa forma, indicam o caminhar do trabalho docente e as particularidades que cada indivíduo dá a esses momentos de convivência com o outro. Não há o engessamento da prática, pois tudo pode ser alterado, quer por circunstâncias administrativas, falta de material, adoecimento ou por falta de interesse dos principais envolvidos nesse processo de ensino aprendizagem, as crianças. Isso inclui a mudança da proposta de trabalho com um determinado autor ou seu encurtamento.

## **3- Os interesses pedagógicos**

---

Revista eletrônica Zero-a-Seis - nº 22. jun./dez. 2010

Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - CED/UFSC

Há a intenção de trabalhar os conteúdos da disciplina Arte. Sendo assim, pretende-se que as crianças conheçam alguns materiais utilizados na área, algumas técnicas de produção artística, vivenciem esse universo de criação, interajam com os colegas e com o professor e tenham prazer em estar conhecendo outras possibilidades de leitura e experiências com/no mundo.

Outra perspectiva pedagógica é oportunizar que esses sujeitos conheçam algumas obras, reconhecer a autoria e observar/trabalhar/interagir com suas características: cor, linha, formas, ambientes, localização, a história de cada obra e a análise plástica. Trata-se de um mergulho no universo da arte, um aprofundamento que possa acompanhá-los ao longo de suas experiências, tanto escolares quanto na história de vida de estão trilhando.

Em Educação Física, buscaram-se interlocuções com a dança, a capoeira, o teatro, as brincadeiras a partir das obras e oferecer um ambiente dialógico entre as duas áreas. Neste caso, são as mesmas intenções narradas acima e a construção de saberes pela própria criança, um sujeito que vive intensamente a vida, brinca. Um proposta que ultrapasse o universo escolar.

Há, ainda, a pretensão de oferecer o acesso ao capital cultural e artístico produzido socialmente, possibilitando apropriações, experimentações, leituras e interpretações pessoais desses conteúdos. Todavia, dado que estamos considerando a criança como sujeito interlocutor nesse processo, não seria coerente determinarmos o que eles devem aprender ou não. Sendo assim, consideramos as linguagens que são utilizadas nesse ambiente escolar e as formas que nossos alunos manifestam seus desejos de aprender ou não determinado assunto, num processo dialógico de produção de significados, tanto para eles quanto para nós docentes. Outro detalhe é que consideramos nosso trabalho como complementar ao que é compartilhado com os demais profissionais envolvidos na educação/cuidado dessas crianças.

#### **4- O alcance dessa proposta**

Seria possível medir a experiência? Seria possível mensurar o que essas crianças estão aprendendo e como esses conceitos serão apreendidos pelos diferentes sujeitos envolvidos nesse processo de ensino-aprendizagem? Esses questionamentos fazem parte do nosso cotidiano e não cremos que tenha uma resposta única. Desta forma, buscamos que esse trabalho contemple a intervenção com todos os alunos do CMEI, desde o Grupo I (GI) até o 1º Ano. Todavia, busca-se uma interação diferenciada a partir das especificidades de cada grupo, das limitações impostas pelo cotidiano e das possibilidades que a temática oferece como experiência às crianças.

Busca-se oportunizar novas possibilidades de se apropriar do conhecimento sistematizado, desde a mais tenra idade, pois acreditamos que é esse o intuito de convidar a criança a ser interlocutor. A contrapartida, também somos convidados a reinventar a vida por esses sujeitos que nos surpreendem, que escapam ao prescrito, ensinando-nos a valorizar pequenas coisas, gestos simples de afeto e afecção, modos de ser e estar no mundo.

#### **5- A narrativa do cotidiano**

As obras foram escolhidas pela professora Eucymara (Arte) conforme a temática abordada no PPP. Sendo assim, buscou-se aquelas que retratavam a natureza, paisagens rurais, com flores silvestres, telas da fase Antropofágica e o forte colorido da natureza. Tarsila, na nossa leitura, transporta essa característica para suas telas com vivacidade e personalidade. Para introdução dessa autora às crianças foi pensada uma história a partir das suas obras e um diálogo buscando cativar os alunos e despertar o interesse deles. As obras "Auto Retrato". "Paisagem com Touro", "O Vendedor de Frutas", "Morro da Favela", "Cartão Postal", "O Sol Poente", A Lua, "Floresta", "O Lago", "O pescador",

"A Cuca", "Abaporu" e "A Negra" foram escolhidas e apresentadas às crianças, num primeiro momento, juntas narrando uma história inventada e, depois, individualmente em momentos de aulas. O detalhe é que as crianças ajudaram a construir essa história e interagiram continuamente no processo de apropriação do conteúdo. Isso permitiu rever o planejamento e buscar novas formas de interlocução com as crianças e Tarsila.

Nesse processo, foi indispensável retomar algumas informações sobre essa artista e trazer às aulas suas particularidades. Segundo Cunha (2005) e Azevedo (2005), Tarsila do Amaral foi e é Brasil, orgulho de nossa arte. Nasceu em Capivari, São Paulo em 1886. Passou sua infância na fazenda São Bernardo, convivia com animais e a natureza. Ouvia muitas histórias contadas pelas negras (as crianças chamaram de babás), tocava piano muito bem, gostava de ler, falava outras línguas. Ela era uma bela mulher, elegante. Seus vestidos eram feitos na Europa, usava batons e cores vivas, além de jóias extravagantes. Sua pintura é pura, sem medo dos cânones convencionais. Liberdade e sinceridade como características e certa estilização que se adaptava à época moderna.

As atividades propostas às crianças foram montar jogos com as obras, criar outras situações com as figuras isoladas (usar a imaginação), desenhos temáticos/releituras, desenhos montando rascunhos para os painéis, painéis em papel, painéis em tecido - "loninha", colagem, gravuras em isopor, vivenciar as obras "O pescador" e "O vendedor de frutas", capoeira, danças (balé, afro, regionais), ouvir e experienciar músicas (clássica, chorinho, tropicália, sertaneja, funk, rock, bossa nova e outras), teatro com vara e outras que as crianças construíram ao longo desse primeiro semestre.

Foi pensada a produção de telas coletivas e individuais para as turmas dos Grupos VI e 1º ano (isso devido o custo que seria para alcançar todas as crianças do CMEI) e ficou agendada para o segundo semestre sua efetivação, bem com a encenação teatral "O casamento de Tarsila". Foram utilizados materiais diversos e indispensáveis, tais como lápis B, 4B, 6B; apontador; canetinhas; tinta para tecido; pincéis; copinhos; caixas de ovos; carbono, papel cenário diverso; tecido "loninha" (4m cada painel);

isopor; massa de modelar; molde vazado; outros.

As crianças brincaram e experienciaram com maestria todo esse universo de possibilidades. Brincaram com os "barcos" de caixa de papelão, venderam as frutas que fizeram com papel e tinta, usaram o chapéu, desenharam a negra no isopor e viram a "mágica" da gravura, sujaram as mãos ou o corpo/mente com tinta, dançaram com Tarsila e se imaginavam na fazenda. A cada obra uma surpresa e indagações: o que é o Abaporu? - Diziam: o bicho papão! Vocês têm medo? Ele Existe? - As crianças interagiam com a professora e contavam histórias, narravam experiências. Na aula com o 1º ano abordamos o termo "saudades".

A professora dizia que quando Tarsila morou em Paris tinha muitas saudades do Brasil, sentia saudades da fazenda, dos bichos, dos animais. O que é saudade? Respondiam: - Sinto saudade do meu cachorro que morreu; - "da minha avó que mora longe"; - "da minha outra casa"; cada um com sua personalidade e maneira de entender a ideia de saudade. Houve um episódio, dentre outros tantos não presenciados, entre mãe e filha: A mãe veio buscar a filha (GIV) e a encontrou com um papel e o desenho na mão e perguntou. - De quem é esse papel? O que é isso? A filha responde: - é o desenho da Tarsila! A mãe respondeu: - então entrega para ela, achando que fosse de alguma colega de classe.

A obra "A Negra" parece ter marcado as crianças. Tarsila gosta de ouvir histórias contadas pela "amas", a negra que cuidava dela, dava mama, colocava para dormir e contava histórias da "Cuca" e do "Bicho Papão" - Abaporu, o homem que come tudo o que não presta e transforma em coisas boas. "O pescador" - as crianças davam sentidos a essas obras, contextualizavam devido a proximidade com o porto, a maré, as suas vidas marcadas pelo social, pela escola, a família. A preservação do meio ambiente, a natureza. O "vendedor de Frutas" pensando o mercado, as crianças como interlocutoras do mundo diziam: - ele só podia vender as frutas boas, não é professora? - Sim, respondia. Continuavam: - "ele ia para a feira vender e ganhar dinheiro". Assim seguiu-se a experiência com o outro, consigo, com o mediador, com Tarsila do Amaral.

A capoeira foi muito interessante. Convidamos uma colega (Professora Juliana -

UFES) para trabalhar o tema com as crianças dos GVI e 1º Ano. Ela veio de bom grado e as crianças aprenderam os movimentos<sup>3</sup> do jacaré, do beija-flor, do avestruz, caranguejo, a ginga e outros tantos. Eles se apropriaram desse conhecimento e a professora Giovana construiu com eles uma apresentação cultural. Deram sentidos e algumas mães disseram que as crianças queriam mostrar o que aprenderam na escola. - Mãe, olha o beija-flor (Parada de mão e pé). A dança, contextualizada no projeto balé, também foi significativa. Pegamos um vídeo do "Grupo Corpo 30 anos" e passamos algumas cenas para que vissem com era uma companhia de dança, como há necessidade de ensaio e apresentamos o musical "Maria-Maria" que eles desenvolveram. As crianças construíram juntos com a professora a coreografia, a partir da negra de Tarsila e apresentaram para a escola. Experiências marcantes para nós mediadores e, com certeza, para as crianças. Marcas do humano, da cultura. Interloquções com Tarsila do Amaral.

O encerramento desse relato exige falar do painel em tecido, sua produção. Havia uma proposta do grupo de professores e direção do CMEI para que Eucymara produzisse três painéis para as apresentações no pátio. Nós conversamos e, conforme experiência com Portinari (2009), propomos que as crianças participassem dessa produção, mesmo que levasse mais tempo. Após o aval de todos, fomos buscar a concretização desse trabalho. Diante da impossibilidade de alcançar todos os alunos, elegemos o 1º ano e GVI para que efetuar a tarefa. A professora, às vezes, pensou em terminar ou nem começar, mas insistimos para que as crianças dessem o toque pessoal na obra, mesmo que a interferência estética exigida era outra (a boa forma do adulto, a perfeição do adulto). Após riscar o painel, a professora buscava em sala grupos de duas ou três crianças para interagir e pintar. O interessante foi perceber o sorriso de cada um quando chegava sua vez de sair da sala e produzir a obra. Ora essas interloquções aconteciam no horário de almoço com os alunos integrais (AEE) e das filhas de profissionais do CMEI que estudavam e ficavam para as aulas de balé à tarde, ora no

---

<sup>3</sup> Os nomes dos movimentos foram adaptados a partir da história da Capoeira, conforme a professora Juliana tem desenvolvido suas atividades junto a esse público escolar e faixa etária.

planejamento da Eucymara. Tudo isso era vivido com intensidade por esses sujeitos, mesmo uma ponta pintada, um coração verde (folhas) da árvore, a lua, o homem cacto, detalhes de uma obra, marcas nas crianças que participaram desse projeto.

Podemos trazer ainda alguns relatos ou falas das crianças como materialização da proposta dessas intervenções e a interlocução criança-criança, criança-adulto: um aluno do GII matutino ao chegar à sala de arte começou a chorar e apontar para a tela "Abaporu". Ele estava com medo e só aquietou quando se guardou a obra; outra aluna, também do GII, sempre que chegava à sala perguntava sobre a "Cuca"; Na apresentação da obra "A Lua", a professora pergunta sobre o "homem cacto" e um aluno disse: - Era de noite, o homem estava indo para casa, de repente ele parou para ver a lua, achou bonito. Outra criança contribui: - é perigoso andar à noite; na obra "A Negra" a professora disse que a mãe saía para trabalhar e Tarsila chorava. As crianças perguntavam sobre os serviços de casa, se ela lavava, varria, fazia as coisas de casa; uma aula sobre o pescador e a tarefa de desenhar peixinhos: O aluno GIV só queria desenhar um peixe, a professora pedia mais, daí diz: - Tia, o pescador disse que só quer um peixinho. - Eu acho que ele está dizendo para fazer mais. O aluno levanta, vai até a obra conversa com o pescador e retorna: - Ele só quer um! Isso tudo sem falar do teatro de varas referente à tela "A Família", que entrou por conta da escolha do CMEI como capa da programação do "Dia da Família na Escola".

Há, ainda, algumas questões que desejamos abordar referente à burla. Não houve resistência por parte das crianças? Tudo caminhou harmoniosamente? As diferentes idades e sujeitos não criaram resistência ou deram outro significado à prática docente? A resposta pode ser ambígua, devido às particularidades de cada criança e as subjetividades produzidas na relação com o outro. Para nós, adultos, diríamos que sim. Para tanto, criamos mecanismos metodológicos para aplicarmos nosso planejamento e articulamos parcerias ora com as pedagogas, ora com as auxiliares de berçário, ora com as professoras regentes e, também, com os alunos. Estes, por outro lado, poderiam dizer que não. Isso explicado pela especificidade da infância, ou seja, algo que escapa continuamente, dinâmico nas relações e produção de significados, um estado pulsante

de querer viver o presente como se fosse eterno. Trata-se de um ensinamento que temos percebido e aprendido com a convivência com esses sujeitos brincantes.

Podemos encerrar com a fala de uma criança do 1º ano: - Tia, o meu sonho é pintar aqui (referia-se a uma tela grande no cavalete que estava na sala). A professora diz: olha que seu sonho pode se realizar (pensando na intervenção planejada para o 2º Semestre).

## **6- Aprendizados e considerações**

A perspectiva defendida neste trabalho só é possível se a criança for reconhecida como ator social, sujeito produtor de cultura, constituído e constituinte da sociedade, que possui capacidades plenas para dar sentido às suas experiências e (res)significá-las.

A figura do docente não deve ser apagada em detrimento da visibilidade da criança, pois ao considerar o professor como mediador no processo de produção e apropriação do conhecimento, este se dá nas relações de *saberes-fazer*es que o cotidiano (para além dos muros da escola - Certeau) possibilita para todos os sujeitos envolvidos no universo educacional, especialmente a Educação Infantil. Pensar a criança como sujeito que se constitui com o outro, também pode significar a necessidade do adulto na mediação com o mundo. O sentido que se estabelece nessa relação é de mão dupla, ou seja, a criança e o adulto se encontram na experiência. Há saberes e fazeres indissociáveis.

O diálogo com a proposta "Tarsila do Amaral" possibilita interação e apropriações dos conteúdos. Para além disso, o acesso ao capital cultural e a maneira que as crianças percebem esses conteúdos, traz dimensões dialógicas tanto na construção de subjetividades, quanto na consolidação de identidades dos sujeitos. Estamos falando da perspectiva sócio-histórica proposta por Vygotsky, da experiência que nos traz Larrosa, das táticas e estratégias que Certeau nos indica nos cotidianos.

O trabalho com as obras, bem como algumas intervenções, estão disponíveis no site "you tube", bastando digitar "cmei ds". Esse material está devidamente autorizado

pela direção do Cmei e a comunidade, representada pelo conselho de escola e os pais dos alunos. Esse mecanismo de divulgação faz parte do projeto escolar que visa possibilitar o acompanhamento pedagógico pelos pais/responsáveis e compartilhar as práticas com os demais profissionais da rede.

## 7- Bibliografia

AZEVEDO, H. A. **Tarsila do Amaral: a primeira-dama da arte brasileira.** Campinas, SP: Árvore do Saber, 2005.

BARRETO, L.; BARRETO, F.; SANTIAGO, M. **Grupo Corpo 30 anos: uma família brasileira.** DVD documentário em vídeo, 75 minutos, Brasil, 2006.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1996.

CUNHA, S. **Arte, educação e projetos: Tarsila do Amaral para crianças e educadores.** Campinas, SP: Árvore do Saber, 2005.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARCHIORI, A. F.; AMARAL, E. G. do; DA SILVA, G. B. **Do Brincar em Portinari ao Diálogo Possível entre Educação Física e Artes na Infância.** Revista Zero a Seis, n. 20, ago/dez, 2009. Disponíveis em: [www.periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/index](http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/index) Acesso em: 10/06/2010.

TELLES, Vera da Silva. **Direitos sociais: afinal do que se trata?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

VYGOTSKY, L. S. **Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.